

A INOVAÇÃO E RECRIAÇÃO DO RURAL. AS FEIRAS DE PRODUTOS LOCAIS EM TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA INTELIGÊNCIA COLETIVA

AZEVEDO, NUNO
CEGOT / EHATB, Portugal.
nazevedo81@gmail.com
SÁ MARQUES, T.
CEGOT / FLUP, Portugal.
RAMOS, L.
ECT-UTAD, Portugal.

Resumo

Uma multiplicidade de eventos e processos parecem estar a contribuir para desencadear redes de interação e cooperação favorecendo processos de mudança nos territórios rurais. Multiplicam-se as interdependências territoriais, constroem-se novas identidades e alianças sociais e iniciam-se processos de revalorização social do rural. As feiras de produtos locais em Trás-os-Montes e Alto Douro estão a desencadear processos de governança local, que podem ser uma expressão embrionária de uma mudança desejada, onde se cruzam novos modelos de produção e consumo, novas representações sociais e interações económicas.

Palavras-chave: desenvolvimento rural, feiras, Trás-os-Montes e Alto Douro

Abstract

INNOVATION AND RECREATION IN RURAL AREAS: THE LOCAL PRODUCER MARKETS IN THE TRÁS-OS-MONTES AND ALTO DOURO REGION AND THE DEVELOPMENT OF A NEW COLLECTIVE INTELLIGENCE

A range of events and processes seem to be encouraging networks of interaction and cooperation, favouring processes of change in rural areas. Territorial interdependencies have multiplied, new identities are being built and processes of a renewed social appreciation for what is rural are starting to flourish. The local producer markets of the Trás-os-Montes e Alto-Douro region are starting to drive processes of local governance, which can be a embryonic expression of a desired change, where new production and consumption models, new identities, social alliances and economic interactions may intersect.

Keywords: rural development, markets, Trás-os-Montes e Alto Douro region

1. INTRODUÇÃO

O território do «país sonolento» tem vindo a dinamizar, com maior ou menor intensidade, processos de transformação indutores de mudanças significativas. Existem numerosos trabalhos e elementos que o confirmam. José Lima Santos (1999) e Livia

Madureira (2001) analisaram as procuras de paisagem no Gerês e em Trás-os-Montes. Elisabete Figueiredo (2003 e 2009) estudou o consumo ambiental do espaço no Parque Natural de Montesinho e na Serra da Freita. As zonas de caça turística e associativa ganharam grande relevância na investigação (BASTOS, 2005). Por outro lado, Paula Godinho (2006) e Paulo Raposo (2006) evidenciaram a mercantilização de festas populares em aldeias de Trás-os-Montes, tendo Maria Ribeiro, Paula Cabo e Lurdes Pires (2008) identificado o perfil, os hábitos e atitudes do consumidor do presunto de Chaves. António Fragata (2003), sintetiza, num panorama expressivo, a situação dos produtos de qualidade, enquanto Manuel Tibério *et al.* (2008) analisam as microproduções agrícolas e o desenvolvimento sustentável em regiões periféricas. O turismo rural tem vindo a aumentar e, para muitos agentes, aparece como a via privilegiada do desenvolvimento.

Uma multiplicidade de eventos parecem estar a contribuir para a dinamização de uma nova inteligência coletiva e para desencadear redes de interação e cooperação que criam intersecções específicas e processos de mudança. Segundo Ferrão (2012), uma visão relacional e transformadora do rural passa por conceber respostas a novos modelos de produção e consumo (uma eco-economia), onde se multiplicam as interdependências territoriais, construindo-se novas identidades e alianças sociais (rural-urbanas/urbano-rurais/rurais-rurais) e um contexto socioinstitucional de inovação.

Inovação rural é definida “as the introduction of something new (a novel change) to economic or social life in rural areas, which adds new economic or social value to rural life” (NESTA, 2007:10). A inovação pode ser estimulada pelos interfaces entre a oferta e a procura urbana e rural, através da reinvenção e recriação do rural. A diversificação de atividades que estamos a assistir nos territórios rurais refletem de certa forma uma nova procura urbana. De facto, de acordo com Hélder Marques (2008:1), “o campo corporiza, atualmente, uma boa parte dos nossos míticos lugares de (re)encontro, sendo cada vez mais procurado pela busca de identidade e reconciliação, até mesmo descoberta, pela sua diversidade territorial e estética que se consubstancia e faz sentido enquanto natureza transformada suavemente com engenho e arte”. Como refere Covas (2007) torna-se imperioso consolidar, aprofundar e renovar as experiências de desenvolvimento e governança local e multilocal, para criar novas oportunidades de desenvolvimento e fazer “emergir” os territórios rurais.

Os processos de inovação implicam mudanças nos métodos de criação e distribuição dos produtos materiais e imateriais. Estas alterações podem conduzir à criação ou à distribuição de produtos novos ou melhorados, que seriam difíceis de ser preparados ou distribuídos com a utilização de métodos convencionais. As inovações de produto incluem todas as alterações que possam conduzir à melhoria de um produto já produzido ou a expansão de variedades novas de produto. As inovações de contexto, referem-se a elementos que representam uma inovação para o contexto local. Isto inclui a introdução de ideias e práticas que funcionam noutros lugares, que quando implementadas num novo ambiente, essas ideias podem tornar-se uma inovação.

Em Portugal, as feiras de produtos locais têm desencadeado alterações visíveis e de grande expressividade. Na sua essência, as feiras são eventos de cariz económico e lúdico, que traduzem o ritmo da natureza e de outras celebrações, visando o desenvolvimento, ao promoverem momentos de encontro e visitação e fluxos de visitantes. Deste modo, funcionam como uma forma de experimentação e manifestação da cultura popular, pela promoção e divulgação do seu artesanato, gastronomia e folclore, em torno dos produtos de qualidade da região. Adotando a terminologia de

Hélder Marques (2008a), as feiras locais podem afirmar os “3S’s do rural”: a valorização de um grande repositório e fonte de diversidade entre os lugares (o rural dos sabores); a afirmação dos conhecimentos ancestrais e dos valores patrimoniais (o rural dos saberes); a experimentação e vivificação, ou seja a interpretação pessoal de um repositório secular (o rural das sensibilidades).

Nas feiras, a alta qualidade dos produtos e as especificidades locais associam-se para a criação de novas cadeias de abastecimento, a certificação dos produtos e a criação de novas redes e parcerias (câmaras municipais, associações de produtores e associações recreativas). Estes eventos parecem estar a contribuir para a dinamização de processos de mudança, desencadeando novas conceções de desenvolvimento e uma revalorização social do rural.

Em termos empíricos esta pesquisa fundamenta-se nas feiras realizadas em Trás-os-Montes e Alto Douro. Primeiro, sistematiza-se um conjunto de informação qualitativa e quantitativa em termos regionais, de forma a avaliar-se a dimensão do fenómeno. Depois a pesquisa focaliza-se em duas feiras, uma vocacionada para os produtos agropecuários e os seus derivados alimentares (retratando o rural produtivo), a outra centrada nas características naturais e paisagística em torno da caça e do turismo (espelhando de certa forma a procura de um rural protegido e de um rural paisagístico).

2. UMA MULTIPLICIDADE DE EVENTOS A NÍVEL REGIONAL

Trás-os-Montes e Alto Douro mantém no imaginário da nossa ruralidade o tradicionalismo dos campos, a rugosidade das suas montanhas e uma gastronomia e um artesanato específicos, que conferem à região alguma unicidade¹. Nos últimos vinte anos a diversidade desta região tem-se vindo afirmar. A individualidade das comunidades locais tem vindo a ser promovida, nomeadamente pelas feiras temáticas, e progressivamente apropriada e reconhecida internamente e externamente por quem as visita ou publicita. Desta forma, as feiras locais estão a promover o conhecimento ou reconhecimento de uma diversidade territorial de grande espessura histórica.

O levantamento das feiras de produtos locais realizadas na região anualmente, demonstra a importância deste tipo de evento: há mais de 60 feiras, envolvendo mais de uma centena de instituições na sua organização, fixando cada uma cerca de uma centena de expositores e atraindo centenas de milhares de visitantes (50 a 100 mil visitantes por feira).

2.1. As feiras refletem a territorialidade e a temporalidade da diversidade do rural

Entre as feiras realizadas refiram-se as feiras das vindimas no Douro Vinhateiro, da amendoeira em flor no Douro Superior, do fumeiro na Terra Fria e Alto Tâmega, da castanha na Terra Fria, Alto Tâmega e Douro Sul, da maçã e da cereja no Douro Sul e Terra Quente, da oliveira e do azeite na Terra Quente. As feiras do artesanato, da caça, do turismo, do cabrito e da vitela realizam-se um pouco por toda a região.

¹ Este imaginário “simplista” foi sobretudo transmitido nos manuais escolares dos primeiros anos de escola.

Nos 34 concelhos realizam-se, pelo menos, 66 feiras por ano, correspondendo a uma média de cerca de 2 feiras anuais por município. Salienta-se que em todos os municípios existe, pelo menos, um evento destes por ano. Há eventos desta natureza ao longo de todo o ano, contudo verifica-se uma menor frequência no 4º trimestre.

Os eventos realizam-se ao longo do ano e tendem a refletir a territorialidade do rural e a diversidade associada aos ciclos produtivos. Assim, as feiras temáticas realizam-se ao longo de todo o ano, sendo reflexo das atividades agrárias e das múltiplas vivências: de Dezembro a Janeiro colhe-se a azeitona; de Janeiro a Março são as lavras e as plantações; de Maio a Julho várias colheitas; em Agosto e Setembro é a vindima; em Outubro e Novembro semeia-se o centeio; e em Dezembro recomeça o ciclo.

O êxito destas iniciativas deve-se sobretudo à qualidade da oferta, pois o público vem à procura da “autenticidade” dos sabores e dos saberes.

2.2. Nos anos 80 inicia-se um novo ciclo

Esta região, no início da década de 80, dá sinais de uma crise profunda nos artesanatos alimentares, principalmente dos transformados animais, que levou ao encerramento de muitas unidades de produção, fruto de uma diminuição drástica da procura destes produtos. Esta crise teve implicações na biodiversidade da região, com a quase extinção de raças autóctones, como foi o caso do porco bísaro, o qual constitui a matéria-prima para o fabrico do fumeiro.

Em 1980 dá-se a retoma dos desfiles de Caretos em Podence que foi um marco histórico para o início da reabilitação cultural de Trás-os-Montes. Em 1981 realizou-se a Feira do Fumeiro de Vinhais e em 1982 surge a primeira Festa da Amendoeira em Flor. A Festa da Amendoeira era, no essencial, um pequeno evento, com um mercado alimentar e algum entretenimento e animação cultural. Esta iniciativa expandiu-se para mais três concelhos e passou a ter um programa extenso, original e cada vez mais de afirmação externa. Assim, passou a integrar um vasto conjunto de eventos: a ExpoCôa (em Foz Côa), a Feira Transfronteiriça das Arribas do Douro e Águeda (Freixo de Espada à Cinta), e a Feira dos Produtos da Terra em Bemposta (Mogadouro); o Festival de Sons e Ruralidades; uma prova internacional de autocross; um cartaz de cinema documental sobre o planalto mirandês; uma feira de agricultura biológica. Concluindo, mais do que uma mostra de produtos agropecuários, artesanato, gastronomia, música e jogos tradicionais, os eventos incluem um programa de afirmação de uma identidade duriense, de cariz transfronteiriça, com uma projeção cada vez mais internacional.

Uma tendência verificada tem sido a articulação das feiras temáticas com os de eventos desportivos e de lazer, em contextos naturais ou rurais. Trata-se de uma oferta também com uma grande receptividade na procura urbana. Os debates em torno da ruralidade também passaram a constar de alguns programas. Ao incluírem debates, as feiras têm promovido a troca de saberes, muitas vezes entre os “urbanos” e os “rurais”, entre a ciência moderna e os conhecimentos ancestrais, entre os produtores e os consumidores.

2.3. A organização dos eventos e a construção de uma nova “inteligência coletiva”

Algumas câmaras municipais perceberam a importância das feiras temáticas - é uma oportunidade para projetar o território e os produtos locais no país e no estrangeiro; um bom momento para aproximar a câmara das “forças vivas” do concelho; é também um palco de afirmação política. Além disso, estes eventos promovem momentos de encontro e visitação e fluxos de visitantes locais/regionais e externos. É um espaço de experimentação, de afetos e de memórias locais.

A organização é assumida pelos municípios, mas com a colaboração de vários atores locais e com um forte envolvimento e participação da população. O direito de expor nas feiras temáticas passa por um convite da organização, podendo, em muitos casos, os participantes reservar o seu espaço para o ano seguinte. Mas para estar presente neste tipo de eventos é necessário cumprir as regras e requisitos previamente estabelecidos, havendo fixação de limites de preços e exigências ao nível da certificação dos produtos em alguns certames.

O associativismo sociocultural responsabiliza-se pelos programas de entretenimento e animação, promovendo sobretudo os saberes e as culturas locais. Criam-se laços de proximidade e de encontro, construindo um espírito de comunidade e de afetos. Algumas feiras têm organizações muito profissionalizadas, sendo frequente que a estratégia de comunicação seja concebida e monitorizada por agências de publicidade, atingindo-se de forma continuada entre 50 a 100 mil visitantes por feira. Se multiplicarmos este número pelas 66 férias temos uma noção do número total de pessoas que estes eventos atraem.

2.4. A relevância dos impactos

As feiras temáticas são instrumentos ancorados nas identidades territoriais, refletindo as especializações produtivas e a diversidade sociocultural. Os visitantes reconhecem e apreciam as identidades territoriais exibidas naqueles cenários, o que contribui para a divulgação e valorização da região, permitindo aos produtores locais o escoamento dos seus produtos, e desta forma são geradas volumosas receitas diretas. Além disso, as feiras criam boas externalidades e estimulam as atividades económicas locais, como as agrárias, algumas indústrias, o turismo, o comércio e os transportes. Estimulam a procura urbana, pois atraem centenas de excursões. O aumento do volume de feiras contribuiu para o aumento do número de produtores e da produção do fumeiro, que cada vez é mais exportada a nível inter-regional e internacional, atraindo turistas de todo o país, de Espanha, mas também do Centro e Norte da Europa.

É importante salientar que as externalidades criadas por estes eventos também se revertem em receitas indiretas, não só criando riqueza como novas oportunidades de negócios. Em Montalegre, estimam-se cerca de 5 milhões de euros de receitas diretas ou indiretas da feira. A hotelaria e a restauração estão durante o evento totalmente ocupadas, e passaram a ter mais procura durante o resto do ano. Da mesma forma, em Vinhais, só as atividades ligadas ao fumeiro criam receitas avaliadas em meio milhão de euros, aumentando consecutivamente, ao longo do ano, o turismo ligado à gastronomia e ao património. Na pecuária houve um aumento no número de porcas reprodutoras, de 111 porcas reprodutoras inscritas em 1995 para 634 porcas em 2001, devido ao brutal aumento da procura de fumeiro.

Estas iniciativas tiveram também implicações na valorização dos produtos biológicos que têm vindo a assumir um papel crescente, embora parte dos produtores continuem a vender os seus produtos nos circuitos da agricultura intensiva. Verifica-se também um crescente aumento dos expositores denominados “gourmet”, existindo “alguns produtos claramente de boutique”.

Estes eventos são também instrumentos de promoção do desenvolvimento sustentável, da biodiversidade e da preservação da paisagem, do edificado e das práticas económicas e culturais, mas também do fomento da investigação, das energias alternativas, e de novas áreas da comunicação e da cultura. Assim, as feiras temáticas são instrumentos que promovem a identidade enquanto recurso para o desenvolvimento dos territórios, uma mais-valia cada vez mais reconhecida internamente e externamente.

3. AS FEIRAS DO FUMEIRO E DA CAÇA E TURISMO

No sentido de aprofundar a reflexão sobre estes eventos seleccionamos a Feira do Fumeiro de Vinhais², a mais antiga feira do género realizada na região e provavelmente uma das mais emblemáticas, e a Feira da Caça e do Turismo de Macedo de Cavaleiros³, dirigida para a promoção de atividades de lazer e turismo integradas no usufruto do território rural.

3.1. Um retrato dos visitantes das feiras

No sentido de conhecer as expectativas e o tipo de utilizadores destas feiras implementou-se um inquérito aos visitantes dos eventos. Foram efetuados 428 inquéritos, dos quais 219 na feira da caça e do turismo e 209 na feira do fumeiro. Metodologicamente interessava identificar perfis de utilizadores, através de uma análise multicritério. No entanto, não se verificou a existência de associações relevantes, pelo que se conclui que ainda não existem perfis dominantes de comportamento nos visitantes inquiridos. No entanto, uma análise uni ou bidimensional permite adiantar um conjunto de conclusões pertinentes.

Os visitantes têm uma idade média na ordem dos 45 anos, sendo o grupo etário de 40-64 anos o mais representativo (53%), sobretudo nos visitantes de fora do concelho (58%). Em termos de escolaridade, cerca de um terço tem o ensino superior (34%), e genericamente, os visitantes da Feira do Fumeiro (39%) são mais instruídos do que os da Feira da Caça e Turismo (29%). Em termos gerais, os oriundos do exterior apresentam um nível de habilitações superior (37%) quando comparados com os visitantes do concelho (26%). De facto, estes eventos tendem a atrair populações do exterior com um nível de instrução médio a alto.

Ao nível das profissões evidencia-se uma grande diversidade. Porém, os comerciantes/empresários assumem as maiores representatividades (17%). Na Feira do

² A feira realiza-se, desde 1981, no segundo fim-de-semana de Fevereiro, com organização da Câmara Municipal de Vinhais e da Associação Nacional de Criadores de Suínos de Raça Bísara. Normalmente tem a duração de quatro dias. Não é só uma feira de fumeiro, mas também a maior festividade do concelho.

³ A feira realiza-se no último fim-de-semana de Janeiro, com organização da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros e da Federação das Associações da 1ª Região Cinegética. Ocorre também durante quatro dias.

Fumeiro, o peso dos reformados presentes é bastante significativa (13%) pois a proporção de visitantes com idades igual ou superior a 65 anos tem um forte peso.

Relativamente às origens geográficas, cerca de 35% dos visitantes vem de fora da região, 29% de outros concelhos da região e 33% dos concelhos onde se realizam os eventos, no entanto, existem diferenças evidentes entre os dois eventos: o Fumeiro é mais atrativo para os de fora da região (41% dos visitantes) e a Caça e Turismo para os próprios residentes do concelho. Em termos gerais é evidente a importância que estes eventos assumem na atração de visitantes ao concelho e à região, havendo um número significativo que recorre às unidades turísticas locais.

Mais de 60% dos visitantes frequenta entre 2 a 4 feiras por ano e cerca de 50% frequenta eventos desta natureza predominantemente na região de Trás-os-Montes e Alto Douro. Mas afinal porque se frequentam estes eventos? Assim, 61% dos visitantes referem a oferta de “produtos locais e tradicionais e o artesanato” como motivo principal (86% na Feira do Fumeiro e 37% na Feira da Caça e do Turismo), em resultado das suas características. Mais de metade dos visitantes (50%) mencionou “o gosto, o interesse, o convívio e a novidade”, situação evidenciada sobretudo na Feira da Caça e Turismo (57%). Cerca de metade dos visitantes diz vir fazer turismo, ora associado à caça e às provas de caça no caso de Macedo de Cavaleiros, ora associado ao lazer e passeio no caso da Feira de Vinhais. Finalmente, a visita, o encontro com familiares e amigos, e a “identificação com o local e a região e a cultura tradicional”, foi referenciado por 19% dos visitantes.

Segundo os visitantes, estes eventos têm importantes impactos no desenvolvimento da região em várias matérias. Sistematizando as respostas verifica-se que: 62% privilegiam o seu papel na “preservação, divulgação e valorização dos produtos locais e das tradições e culturas locais/regionais”; cerca de metade dos visitantes (49%) realçam a sua função na “dinamização e desenvolvimento, nomeadamente o seu impacto na economia e no desenvolvimento rural”; 46% dos visitantes evidencia a importância de “atrair visitantes e promover e valorizar o desenvolvimento turístico”; finalmente, o “convívio, o lazer e as novidades culturais” foram mencionados (11%).

Em síntese, segundo a perceção dos visitantes estes eventos embora sejam importantes para as populações como forma de distração e lazer e animação cultural, a sua atratividade externa contribui claramente para o desenvolvimento rural, tanto para a economia agrícola como fator de dinamização turística.

3.2. Um retrato dos expositores das feiras

Se os visitantes consideram estes eventos como fundamentais para o desenvolvimento da região, importa agora avaliar como os expositores vêm estes eventos. Foram efetuados 130 inquéritos a expositores nestes eventos. Tal como nos visitantes, também nos expositores procurou-se identificar perfis dominantes. No entanto, não se evidenciaram associações relevantes, pelo que não se conseguiram identificar perfis de expositores. Assim, tendo por base as várias questões colocadas, apresenta-se os dados levantados.

Os expositores têm predominantemente 40 a 64 anos (49%), porém na Feira da Caça e Turismo têm 42 anos como idade média enquanto na Feira do Fumeiro têm 49 anos. Ao nível da escolaridade sobressaem-se também diferenças entre os dois eventos. A

presença de expositores com ensino superior (43%) é mais expressiva na Feira da Caça e Turismo enquanto na Feira do Fumeiro destacam-se os expositores com escolaridade até ao 1º ciclo (46%). Evidenciam-se níveis de escolarização inferiores nos expositores residentes no próprio concelho, com uma presença significativa de reformados na Feira do Fumeiro enquanto na Feira da Caça e do Turismo os profissionais com formação superior representam um quarto dos expositores presentes.

Relativamente às origens territoriais, mais de metade dos expositores reside no próprio concelho onde se realiza o evento (51%), enquanto os expositores do exterior da região representam menos de 25%. É perceptível a importância que estes eventos assumem para as populações locais, dada a sua representatividade como expositores nestes eventos, através da presença individual, das empresas ou das instituições.

A maioria dos expositores frequenta anualmente mais de 10 eventos (na região e no exterior). O predomínio dos expositores do concelho ou dos municípios vizinhos permite justificar o tipo de produtos comercializados: cerca de metade dos inquiridos expõe produtos regionais e de “gourmet” (fumeiro, vinho, azeite, licor); 38% expõem artesanato e 10% apenas pretendem a divulgação.

As vendas nas feiras representam entre 50-74% da faturação anual para 27% dos expositores e 25% para 55%. É sobretudo na Feira do Fumeiro que as vendas nas feiras assumem maior expressão no total da faturação anual, situação evidenciada sobretudo nos produtores individuais de fumeiro. Relativamente a outras mais-valias, mais de 71% dos expositores considera que a presença nestas feiras traz-lhe diversas e importantes mais-valias para a sua atividade, só 13% refere que não tem mais-valias (16% dos inquiridos não responderam).

Tal como os visitantes, também os expositores foram questionados acerca do motivo de frequentarem estes eventos. Embora se verifique uma grande variedade de posições, é possível distinguir quatro situações diferenciadas: mais de metade dos expositores (55%) refere a “necessidade de vender, o volume de vendas e os rendimentos obtidos”; mais de metade dos expositores (54% dos expositores) mencionaram que as feiras são uma oportunidade de “divulgação, promoção e obtenção de contactos/clientes”; 24% dos expositores consideram que as feiras são “um momento especial, um gosto e um lugar de lazer e convívio”; 20% dos expositores enaltecem a “tradição” e a “feira do concelho” como motivação principal.

Em termos da importância destes eventos para o desenvolvimento da região, as respostas dirigiram-se sobretudo para três sentidos: mais de dois terços consideram a “preservação, valorização e venda de produtos locais, e a obtenção de rendimentos” (situação com maior destaque na Feira do Fumeiro - 77%); outros dois terços dos expositores realçam a “divulgação, dinamização e o desenvolvimento nomeadamente da economia e da ruralidade local e regional” (com maior pertinência na Feira da Caça e Turismo onde três quartos dos inquiridos referiram tal situação); finalmente, distinguiram a oportunidade para “atrair visitantes e promover e valorizar o turismo”, situação exposta por 30% dos expositores.

Em síntese, a procura destes eventos pelos expositores tem contribuído para a divulgação das produções e da cultura local e regional, promovendo a recuperação e valorização dos recursos endógenos materiais e imateriais. Importa ainda referir o grande esforço das autarquias locais, na sensibilização das populações para a valorização dos produtos tradicionais e para a divulgação da riqueza e diversidade cultural e para a montagem e organização destes eventos.

4. SÍNTESE: A RECRIAÇÃO DO RURAL ATRAVÉS DAS FEIRAS DE PRODUTOS LOCAIS

Em torno das feiras de produtos locais têm sido divulgadas produções, costumes e dialetos, originando o despertar dos territórios e das suas identidades entretanto (re)descobertas e requalificadas (enquanto recursos endógenos para o desenvolvimento local e regional. Funcionando como uma forma de manifestação da cultura popular, de promoção e divulgação do artesanato, da gastronomia, do folclore e dos produtos locais de qualidade, redescobre-se e reconstroem-se os recursos, através de uma grande mobilização coletiva (câmaras municipais, associações de produtores, artesãos, empresas, associações recreativas e culturais e residentes). São de certa forma uma montra dos municípios e da região, procurando a valorização dos lugares, das gentes e das produções locais.

Tendo em conta que, segundo Hélder Marques (2008b:8), “o campo representou sempre uma atividade económica indissociável de uma forma de viver e existir (daí a nostalgia, a relação afetiva, a identidade) e continuará a ser um território de produção de bens materiais”, a visão nostálgica do campo ganha uma força estratégica que está a contribuir para “recriar” os territórios rurais. As dinâmicas emergentes nos espaços rurais têm procurado reinventar o rural, através da exploração das múltiplas facetas das memórias e do imaginário coletivo, ou seja as representações territoriais de um rural que está a ser reinventado. São vários os exemplos de dinâmicas de recriação do rural. As feiras de produtos locais apresentam-se como um exemplo transversal.

De facto, estes eventos têm contribuído para a valorização dos recursos e da identidade dos lugares e para a criação de novas apropriações sociais. As procuras urbanas contribuem para esta inovação do rural, e para novos interfaces urbano-rurais/rural-urbanos/rurais-rurais estão em construção. As feiras, embora diversificadas, apresentam-se como temáticas e ancoradas nos produtos locais, na gastronomia, no artesanato, na cultura e na paisagem, ou seja, nas diferentes identidades e representações territoriais. É unânime o reconhecimento da sua importância na comercialização dos produtos locais e na dinamização do desenvolvimento turístico, na valorização das tradições e da cultura local, no desenvolvimento da eco-economia, e no reforço dos rendimentos e da qualidade de vida das populações residentes. De um modo geral, as feiras promovem a valorização e recriação da ruralidade.

As feiras temáticas são um instrumento de inovação das atividades económicas e sociais, de revitalização/modernização da economia rural e de desenvolvimento rural. Refira-se o seu contributo ao nível da: promoção de sinergias entre produtores, operadores turísticos e outros atores locais; construção de redes de comercialização que permitem contrariar a atomização do tecido produtivo e aumentar a dimensão comercial, subindo na cadeia de valor e aproximando produtores e consumidores; promoção de processos de inovação e aprendizagem coletiva, nomeadamente na qualificação agroalimentar, na comercialização e no marketing dos produtos e do próprio território.

Concluindo, estes territórios rurais estão a dinamizar processos de mudança, criando novos alicerces para um novo projeto territorial. As feiras são apenas um dos sintomas desses processos. Com as feiras locais revaloriza-se e recria-se o rural (enquanto memória, património e paisagem), através de uma alavancagem geralmente liderada pelas autarquias. No entanto, é necessário reforçar os sistemas de governança sub-regional, de forma a contrariar a pulverização de iniciativas locais, onde escasseiam recursos e estratégias de coesão. É fundamental aproveitar a heterogeneidade dos

recursos territoriais, apostar na identificação dos consumidores com os lugares e criar um contexto socioinstitucional em torno de processos de inovação.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, N. (2010): *Tempos de mudança nos territórios de baixa densidade. As dinâmicas em Trás-os-Montes e Alto Douro*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

AZEVEDO, N. (2011): “O despertar do ‘país sonolento’: contributo das feiras de produtos locais para um novo projecto de desenvolvimento territorial”, SANTOS, N. e CUNHA, L. (coord), *Trunfos de uma Geografia Activa*. IUC, Coimbra, pp. 131-140.

AZEVEDO, N.; MARQUES, T. S.; RAMOS, L. (2012): A governança em territórios de baixa densidade. O caso de Trás-os-Montes e Alto Douro, *Atas do IX Colóquio Ibérico de Estudos Rurais*, Universidade de Lisboa (no prelo).

BASTOS, M. (2005): *O problema venatório no Alentejo: caça, costumes e tensões sociais (1974-2000)*, Lisboa, Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa.

COVAS, A. (2007): *Ruralidades*, Universidade do Algarve.

CRISTÓVÃO, A.; TIBÉRIO, M. ABREU, S. (2008): “Distribuição, restauração, turismo e valorização de produtos locais: o caso do Douro-Duero”, *Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER)*, CD-ROM, SPER/Universidade do Algarve.

FERRÃO, J. (2012): “Regiões funcionais e cooperação rural-urbano: revalorizar socialmente o rural”, conferência apresentada no *IX Colóquio Ibérico de Estudos Rurais*, Universidade de Lisboa.

FIGUEIREDO, E. (2003): *Um rural para viver, outro para visitar – o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais*. Tese de Doutoramento em Ciências Aplicadas ao Ambiente, Universidade de Aveiro.

FIGUEIREDO, E. (2009): “Ser rural ou parecer rural? Representações rurais e urbanas do ambiente, do desenvolvimento e da ruralidade”, in BAOTISTA, JACINTO e MENDES (coord.), *Os territórios de baixa densidade em tempos de Mudança*, Câmara Municipal Proença a Nova, Centro de Ciência Viva da Floresta, p.97-103.

FRAGATA, A. (2003): “Da qualidade dos produtos agrícolas tradicionais”, in PORTELA e CALDAS (orgs.), *Portugal Chão*, Oeiras: Celta Editora, p. 449-462.

GODINHO, P. (2006): “As loas que contam uma festa: permanência e mudanças na Festa dos Rapazes”, *Rituais de Inverno com Máscaras*, Instituto Português de Museus, p. 39-59.

MADUREIRA, L. (2001): *Valoração económica de atributos ambientais e paisagísticos através de escolhas contingentes: amendoal tradicional do Douro Superior*. UTAD, Vila Real.

MARQUES, H. (2008a): *Palestra proferida ao Curso de Doutoramento em Geografia*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MARQUES, H. (2008b): “Porquê (e razões para) a mitificação do campo”, *VII Colóquio Ibérico Estudos Rurais: Cultura, Inovação e Território*, Coimbra.

MARQUES, T. (2004): *Portugal na transição do século. Retratos e dinâmicas territoriais*, Afrontamento, Porto.

- MARQUES, T. (2005), "Portugal em mudança: as dinâmicas urbanas e o abandono dos campos", *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, I Série, 2003, Volume XIX, Porto, Universidade do Porto.
- NESTA (2007): *Rural Innovation*, NESTA, London.
- PINA, H. (2010): "A diversidade de paisagens em meio rural. Como potenciar este património, tendo em vista o seu desenvolvimento e a coesão territorial", PINA, MARQUES E DEVY-VARETA, *Grandes problemáticas do Espaço Europeu. Norte de Portugal e Galiza*, FLUP, p.79-112.
- RAMOS, Luís et al. (2007): "Espaços rurais: novos paradigmas", in CCDR-N, *PROT Norte – Estudos Complementares de caracterização territorial e diagnóstico regional*, CCDR-N, Porto.
- RAPOSO, P. (2006): "Caretos de Podence: um espetáculo de reinvenção cultural", *Rituais de Inverno com Máscaras*, Instituto Português de Museus, p. 75-99.
- RIBEIRO, M.; CABO, P.; PIRES, L. (2008): "Perfil, hábitos e atitudes do consumidor do Presunto de Chaves", *VII Colóquio Ibérico Estudos Rurais: Cultura, Inovação e Território*, Coimbra.
- SANTOS, J. M. (1999): *The economic valuation of landscape change. Theory and policies for land use and conservation*, Cheltenham (UK).
- THE EUROPEAN ACADEMY FOR SUSTAINABLE RURAL DEVELOPMENT (2011), *Social Innovation and Sustainable Rural Development*, Euracademy Association, Athens.
- TIBÉRIO, M., CRISTÓVÃO, A. e ABREU, S. (2008): "Microproduções Agrícolas e Desenvolvimento Sustentável em Regiões Periféricas", *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, Vol. 17, 1º Quadrimestre, p. 5-24.